

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

DEBORA ALVES DA SILVA SANTOS (RA: 125111363132)

GABRIELA OLIVEIRA PAES (RA: 125111348050)

JULYA LACERDA PEREIRA (RA: 125111373892)

MARINA SILVA RAMOS (RA: 125111362516)

NARA LIMA SANTOS MARTINS (RA: 125111365367)

PATRÍCIA PENTEADO (RA: 125111362349)

**USO DO ESPORTE COMO INSTRUMENTO POLÍTICO:
ESPORTE COMO *SOFT POWER* NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA
EXTERNA RUSSA DO SÉCULO XXI**

SÃO PAULO

2022

DEBORA ALVES DA SILVA SANTOS
GABRIELA OLIVEIRA PAES
JULYA LACERDA PEREIRA
MARINA SILVA RAMOS
NARA LIMA SANTOS MARTINS
PATRÍCIA PENTEADO

**USO DO ESPORTE COMO INSTRUMENTO POLÍTICO:
ESPORTE COMO *SOFT POWER* NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA
EXTERNA RUSSA DO SÉCULO XXI**

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial à conclusão do curso de graduação de Relações Internacionais da Universidade Anhembi Morumbi.

Orientador(a): Prof. Helena Margarido Moreira.

SÃO PAULO
2022

RESUMO

O objetivo deste artigo é entender como o governo de Vladimir Putin usou o esporte como um instrumento de política externa. Para isso, iremos permear os caminhos históricos do uso do esporte como arma política, principalmente como um elemento de *Soft Power* pelos Estados. Passaremos pelo entendimento de como o nacionalismo se tornou fundamental para a construção de uma estratégia de fortalecimento do sentimento nacional e unificação da nação russa (justificativa para as tentativas de anexação de territórios, que uma vez pertenceram à União Soviética, pelo atual governo). O esporte foi utilizado como um instrumento ideológico de demonstração de força, principalmente na Guerra Fria na disputa pela hegemonia de poder entre as duas potências: Estados Unidos e URSS. Ainda hoje o esporte é comumente utilizado como um importante elemento de disputa e demonstração de força entre os Estados. No decorrer desse artigo, entenderemos o que está por trás do alto investimento do Governo Putin, seja na disputa por sediar megaeventos ou no alto investimento em treinamento de seus atletas de alta performance, refletindo a importância em se manter no topo das competições esportivas.

Palavras-chave: Esporte, Soft Power, Nacionalismo, Política Externa russa.

ABSTRACT

The purpose of this article is showing how Vladimir Putin's government uses sport as an instrument of foreign policy. For this purpose, we permeate the historical paths of the use of Sport as a political weapon, especially as an element of Soft Power by the States. We go through the understanding of how nationalism became fundamental for the construction of a strategy to strengthen national sentiment and unify the Russian nation (which justifies the attempts to annex territories that once belonged to the Soviet Union by the current government). Sport has been used as an ideological instrument to demonstrate force, especially in the Cold War during the dispute for the hegemony of power between the USA and the USSR. Even today sport is commonly used as an important element for the dispute of power and shows of force between States. In the course of this article, we will understand what is behind the high investment of the Putin Government, whether in the dispute to host mega-events or in the high investment in training its high-performance athletes, reflecting the importance of staying at the top of sports competitions.

Keywords: Sports, Soft Power, Nationalism, Russian foreign policy.

1. INTRODUÇÃO

O esporte pode ser atribuído como um elemento relevante para as Relações Internacionais, uma vez que o esporte pode ser usado como ferramenta de poder na política, tanto em nível doméstico quanto internacional. Grix (2013) aponta que os maiores eventos esportivos do mundo são usados pelos Estados como matrizes políticas para promover seus próprios interesses, sendo desde plataforma de domínio ideológico até cenário de afirmação de poder do Estado, desta forma evidenciando o papel da “Política do Esporte” na agenda do país.

O mesmo esporte que é responsável por unir uma nação, também se torna atrativo para aqueles que estão vendo esse fenômeno acontecendo de fora, podendo aumentar o nível de influência de um Estado para com a nação que admira tal tipo de evento.

É interessante analisar como diferentes Estados atribuíram este pensamento à forma como praticam política externa. Um país que se destaca particularmente nesta questão é a Rússia, principalmente devido aos escândalos divulgados pela grande mídia a respeito da participação direta do governo nas práticas esportivas de seus cidadãos, como no uso de medicamentos proibidos para aumentar o resultado de seus atletas, o que ficou conhecido como o escândalo do *doping*. Vale ressaltar que, até 1991, o Estado russo será abordado como União Soviética (URSS), após essa data, como Rússia. Com este cenário definido, faremos uma introdução do contexto histórico e iremos analisar as diversas vertentes do esporte como ferramenta de coesão social, nacionalismo e de *Soft Power*. Além de tentar responder os principais questionamentos levantados durante a elaboração deste trabalho, quanto ao assunto de política externa russa em relação ao esporte: Qual é o interesse de Putin em tornar a Rússia um destaque esportivo? Qual a sua ligação com o esporte? E como a política doméstica e externa foram pensadas durante o seu governo?

2. CONTEXTO HISTÓRICO

É importante contextualizar que o uso do esporte como um instrumento político não é uma prática contemporânea. Historicamente é possível notar como o esporte tem sido usado para fins políticos. Na Grécia antiga, as práticas esportivas eram importantes para demonstração da saúde e força física de seus cidadãos, além de relacioná-las a ritos sagrados, cidadania e segurança militar. Nesse último ponto, vale ressaltar que o bom desempenho dos atletas de uma região nos jogos da época, significava a capacidade de se formar um exército forte em caso de guerra. Ainda nesse período foi introduzido o ato de banir atletas de participarem das competições esportivas, como represália às atitudes políticas de seu país. Como exemplo desta prática, a Cidade-Estado Esparta foi banida dos Jogos de 420 a 397 A.C, pois se recusou a pagar uma multa quando quebrou a trégua olímpica e entrou em guerra com a região de Olímpia (VASCONCELLOS, 2008).

Esta mesma estratégia pôde ser observada em outros momentos da história, inclusive como método para garantir a segurança estatal contra atentados vindos do âmbito doméstico. Na Inglaterra vitoriana, o pedagogo Thomas Arnold reconheceu o “emprego estatal das atividades atléticas” (VASCONCELLOS, 2008, p. 15), instituindo a prática de esportes em escolas como uma política pública. Com isso, seu objetivo era criar uma ocupação para os jovens e assim evitar o envolvimento dos jovens com reformas sociais e outros “possíveis distúrbios atentatórios à segurança do Reino Unido” (VASCONCELLOS, 2008, p. 15).

Há mais de um século as Olimpíadas Modernas - modelo idealizado pelo Barão Pierre de Coubertin, inspirado nos jogos gregos e com primeira edição em 1896 - tem se consolidado como um dos poucos eventos capazes de proporcionar momentos de harmonia entre os povos, momento em que divergências são deixadas de lado para competir e celebrar a paz. Porém, também é palco para as potências econômicas expressarem a força de sua nação, além de sustentarem sua imagem externa. Não por acaso, as potências econômicas atuais também são as forças mais expressivas do cenário esportivo mundial.

Neste sentido, na segunda metade do século XX, a dimensão política aplicada à grandes eventos esportivos se tornaram mais evidente e passou a ser discutida com maior frequência. Apesar dos planos criados para separar esporte e política, tal acontecimento é quase impossível de ocorrer devido a todas as dimensões envolvidas já mencionadas. Peter Ueberroth (apud MINAS; SATTLECKER; MÜLLER, 2007), presidente do Comitê de Organização das Olimpíadas de Los Angeles em 1984, afirmou que “temos que encarar a realidade de que os

grandes eventos esportivos constituem não apenas um evento atlético, mas também um evento político”.

Atualmente, o esporte também pode ser usado para demonstrar a aprovação ou desaprovação das ações de um Estado. Isto pode ser feito pela tentativa de isolar tal Estado de competições internacionais por meio de sanções esportivas ou pelo boicote de determinados eventos esportivos. Como exemplo, temos dois acontecimentos: o primeiro deles é o movimento de boicote diplomático em relação às Olimpíadas de Inverno de Pequim em 2022, iniciado pelos EUA e aderido por outros países como Holanda, Canadá e Reino Unido, com a justificativa de que a China estaria violando os direitos humanos da minoria étnica Uigur (MELLO, 2022). Além disso, vale citar as sanções esportivas quanto a participação de equipes relacionadas à empresas e oligarcas russos em competições esportivas como Fórmula 1 e Premier League, em decorrência da invasão à Ucrânia. A Rússia invadiu a Ucrânia em maio de 2022, como resultado de um longo processo de recuperação de terras que uma vez pertenceram à União Soviética. Para demonstrar desaprovação ao acontecido, países ao redor do mundo têm se reunido na tentativa de isolar a Rússia em qualquer instância de convivência no Sistema Internacional. Em vista da clara ligação do governo Putin com o desempenho russo nas práticas esportivas, não só os atletas que representam o Estado russo, como também entidades privadas e oligarcas nascidos no país, têm sofrido sanções e são impedidos de participar de qualquer evento esportivo.

O esporte também é envolvido pelo jogo político, em momentos de negociações para sediar grandes eventos esportivos. Isso porque tais eventos são vistos como uma maneira do Estado ganhar maior visibilidade, além de apresentar para o mundo sua cultura e poder. A Rússia utilizou este recurso três vezes, ao sediar as Olimpíadas de Moscou em 1980, as Olimpíadas de Inverno de Sochi em 2014 e a Copa do Mundo de 2018. O primeiro evento foi responsável por desencadear domesticamente um maior sentimento de patriotismo na nação e, internacionalmente, se tornou símbolo da narrativa construída para uma nova Rússia. Os dois eventos seguintes, além de envolver interesses econômicos, também podem ser atribuídos à estratégia do país em moldar um *Soft Power* liderado pelo Estado. (GRIX; KRAMAREVA, 2018). Os casos da Olimpíada de Inverno de Sochi de 2014 e a Copa do Mundo de 2018 contemplam o recorte temporal analisado por este artigo e contribuem para o entendimento da estratégia de Putin para com o esporte.

3. ESPORTE COMO *SOFT POWER* NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA

Neste artigo discutiremos o aprofundamento em momentos históricos do conceito de *Soft Power*, como a Rússia se utiliza desse instrumento para atingir seus objetivos políticos e diante disso se tornado uma das grandes potências esportivas. Para isso, primeiro iremos introduzir o conceito de *Soft Power* e como o esporte pode ser considerado um elemento para a prática dessa forma de poder. Em seguida, navegaremos pelos feitos desde a União Soviética até a Rússia atual de Putin para entendermos como o esporte foi utilizado como uma arma do Nacionalismo e da Projeção Internacional, apesar dos vários escândalos e do uso de *doping* em 2014-2016 patrocinado pelo próprio Estado.

3.1 ESPORTE COMO ELEMENTO DE *SOFT POWER*

Na década de 1990, o cientista político Joseph Nye introduziu ao debate das Relações Internacionais o termo *Soft Power*, na tentativa de entender as novas dinâmicas de poder no pós-Guerra Fria. O *Soft Power* tem como finalidade contextualizar a habilidade de uma nação em atrair e persuadir os outros sem usar coerção ou força (NYE, 2004). Esta maneira de praticar o poder pode ser atribuída através de elementos culturais, artísticos e até mesmo esportivos. Nesse sentido, o esporte pode ser considerado uma prática tanto inclusiva quanto competitiva, facilitando o diálogo e compreensão entre as nações, influenciando e promovendo relações diplomáticas (ARMSTRONG; ROSBROOK-THOMPSON, 2015).

Os esportes de grande porte dão ao Estado o poder de renovar, influenciar e construir a sua imagem no Sistema Internacional. Tal processo ficou conhecido como *Nation Branding* ou *State Branding*, termos cunhado por Simon Anholt em 1998, que nada mais é que uma maneira do Estado buscar construir sua reputação no Sistema Internacional através de uma espécie de ação de marketing, com o intuito de influenciar positivamente e conquistar os olhares de estrangeiros a respeito da nação. No esporte, o *Soft Power* é construído antes mesmo dos maiores eventos esportivos começarem, pois são necessários recursos para promover uma maior influência política.

Durante a Guerra Fria, a União Soviética e os Estados Unidos utilizaram os jogos olímpicos como forma de demonstrar o poder que cada nação possuía. Atualmente, o confronto

não é claro e direto como na Guerra Fria, mas existe uma competitividade entre as nações para demonstrarem poder.

3.2 CONTEXTO HISTÓRICO NA POLÍTICA RUSSA

Em 1894, ainda durante o império czarista, a Rússia ajudou a fundar o COI (Comitê Olímpico Internacional). O país já entendia a importância do esporte como instrumento para a projeção internacional e para manter a saúde da população. Embora as classes mais baixas russas não participassem tanto quanto as dos outros países, o Império Russo apoiava a participação de seus atletas em competições internacionais, sendo que sua primeira participação em jogos oficiais aconteceu em 1908, nos Jogos Olímpicos de Londres.

Por outro lado, Jesus (2010) afirma que logo no início da consolidação da União Soviética houve uma breve mudança na percepção soviética a respeito do esporte. Em diálogo com o cunho ideológico comunista soviético, no início da década de 1920, o esporte era visto como uma extensão das atividades que faziam parte de uma “cultura física”. Nesse cenário, os soviéticos condenavam o individualismo e a busca por recordes. Porém, se olharmos o contexto da época, tal percepção a respeito do esporte estava em processo de transformação nas nações vizinhas, uma vez que muitos Estados, logo após o fim da Primeira Guerra, passaram a enxergar o esporte como mais um campo para competição política. Com a União Soviética, porém, esse pensamento consolidou-se logo em seguida, podendo ser observado no campo esportivo durante o período da Guerra Fria, quando o país se empenhava na demonstração de poder nos campos, principalmente quando colocado frente a frente aos Estados Unidos.

Jesus (2010) complementa que a partir da década de 1930 houve uma maior integração ao sistema esportivo internacional, por parte da URSS, com o objetivo de desenvolver soldados e trabalhadores produtivos por meio de programas de esportes e de Educação Física. Assim, sua participação no esporte internacional de elite fez com que o país se tornasse “um indicador do poder nacional” (JESUS, 2010, p. 3).

Em suma, vemos uma diferença clara entre os interesses da URSS perante o esporte no decorrer de uma década, resultando a partir da década de 1930 em uma intenção de demonstrar a superioridade do regime comunista, além de uma tentativa de engendrar o coletivismo e a disciplina na população.

Vale dizer, que neste período da metade da década de 1930, a URSS passa a usar o esporte como instrumento político diante do receio do aumento do fascismo em decorrência do rearmamento alemão, o que gerou um boicote pelas associações esportivas soviéticas aos Jogos

Olímpicos de Berlim, em 1936. Jesus (2010), destaca que por conta de sua vertente comunista, a URSS mesmo depois de decidir se abrir esportivamente (principalmente no futebol, onde se destacava perante outros países), sofria uma certa hostilidade das lideranças de alguns de seus vizinhos, como Polônia e Romênia. Além disso, a ideologia soviética foi fator fundamental para não se alinharem com a FIFA¹ uma vez que se via uma suposta ligação com o *establishment* esportivo nazista.

Estes fatores fizeram com que a URSS se isolasse no meio esportivo internacional. No entanto, em 1939 a URSS não fazia mais orientações antifascistas em sua propaganda interna, pois o Pacto de Não Agressão² havia sido assinado, o que proporcionou até um certo nível do que Jesus (2010) chama de "intercâmbio esportivo". Dez anos depois, em 1949, foi criado o Sistema de Classificação dos Esportes de Toda a União, que era uma forma de classificar os atletas em cinco categorias: “no topo estava o “mestre de esportes por mérito”, seguido pelo “mestre de esportes” e pelas classes A, B e C. Os mestres deveriam não apenas servir como exemplos político-ideológicos, mas transmitir sua experiência aos atletas mais jovens” (apud EDELMAN, 1993).

Já no pós-Segunda Guerra, a URSS saiu como uma das potências vencedoras, subindo seu *status* no Sistema Internacional, o que lhe proporcionou a possibilidade de entrar em novas federações esportivas gradualmente e com privilégios de participar, por exemplo, da liderança de comitês, e ter a língua russa como oficial nessas federações. Tudo isso era uma forma de aumentar a sua importância no Sistema Internacional e frear a influência dos EUA já durante o período da Guerra Fria.

Mesmo com esse interesse de se destacar no esporte para refletir o seu poder como Nação, durante muito tempo os atletas russos não recebiam bons investimentos, como acontecia em outros Estados ocidentais. Isso começa a mudar em 1952, nos Jogos Olímpicos de Helsinque, após uma boa participação dos atletas de países socialistas (não apenas atletas da URSS) mesmo sem conseguirem ganhar o título de equipe não oficial. Vale ressaltar que a mídia fez parecer que os soviéticos ficaram acima dos demais participantes dos Jogos

¹ Federação Internacional de Futebol - instituição fundada em 1904 em Paris, com sua sede em Zurique na Suíça, é através dela que várias competições são realizadas, a exemplo da Copa do Mundo

² Pacto firmado em agosto de 1939, por Hitler e Stalin. Tinha o objetivo de manter o comprometimento entre Alemanha e União Soviética de não atacar uma à outra, além de se manterem neutras caso uma delas fosse atacada por uma terceira potência (Kinkartz, 2014).

Olímpicos a mando das lideranças de Moscou. Com o passar dos anos, a URSS continuou a participar dos jogos, Jesus (apud HAZAN, 1982) fala que o Estado comunista entendeu e fez com que o que ele chama de "audiência" se envolvesse e se emocionasse fortemente pelo sistema criado por esses esportistas brilhantes e isso gerava a promoção dos outros interesses do país, como por exemplo “a consolidação de seu poder relativo”.

A URSS começou a se destacar nos Jogos Olímpicos após a criação de escolas especiais (a partir de 1950), com o enfoque em desenvolver atletas de alto rendimento, mesmo que em 1956, fosse criado a *Spartakiads* (competição que era uma cópia dos Jogos Olímpicos, por contemplarem dois eventos de 4 em 4 anos, no inverno e no verão, e que apenas os atletas dos povos da União Soviética participavam). Segundo Jesus (2010), a atual Geórgia alega que esses sistemas de internato esportivo foram criados para atender os órfãos da Segunda Guerra Mundial, mas apenas em 1970 as escolas diurnas foram de fato implementadas com custos elevados. Outro ponto relevante é que embora houvesse uma produção de atletas de alto nível para servirem à URSS, essas crianças e jovens não conseguiam se desenvolver bem nos estudos, por conta da alta exigência de desempenho nos treinos. Além da propaganda do Estado, esse esforço empregado no desenvolvimento dos jovens tinha como objetivo mitigar os comportamentos que o governo via como “dos jovens capitalistas, como o alcoolismo, o crime e a mobilização política contra o governo” (MERTIN, 2008, apud JESUS, 2010).

Ainda em contexto de Guerra Fria, Moscou foi escolhida em 1974 para sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 1980, com a intenção de contribuir com a evolução da *Détente*³. O que não deu muito certo, já que houveram boicotes liderados pelos EUA, principalmente após a invasão do Afeganistão pela URSS, resultando no menor número de países participantes desde 1956. Alguns esportes como equitação foram prejudicados, mas outros como a natação, por exemplo, tiveram um maior número de participantes do que a versão passada dos Jogos Olímpicos.

Em 1984, o boicote partiu da URSS aos EUA, já que os Jogos Olímpicos de Verão daquele ano seriam em Los Angeles. Como justificativa foi usado o medo do governo de seus atletas serem hostilizados já que havia o que Jesus (2010) chamou de “histeria antissoviética”.

Os sinais que a URSS estava desabando, ficam às claras até no esporte, já que na década de 1980 as piscinas, academias e estádios, que antes eram gratuitos começaram a ser pagos, e

³ Momento de relaxamento das tensões políticas entre URSS e EUA durante a Guerra Fria, entre 1962 e 1980. (MUNHOZ; ROLLO, 2015).

os empreendimentos, clubes esportivos e academias cooperativas surgiram com a autorização do governo. Incluímos nessas mudanças a participação de mulheres nos campeonatos nacionais e internacionais no judô, além da inclusão na participação de deficientes físicos e mentais. Escândalos como o uso de anabolizantes por partes dos atletas soviéticos, além de corrupção de árbitros e arranjos de resultados começaram a surgir e alguns atletas começaram a questionar o seu “dever cívico” na divisão de seus prêmios olímpicos em dinheiro (pois a maior parte deveria ser “doada” ao Estado para o “benefício do esporte”). (JESUS, 2010).

Mesmo com os escândalos e práticas no mínimo duvidosas, o fato é que a URSS gerou atletas de altíssimo rendimento e conseguiu por anos atingir o seu objetivo, que era demonstrar que uma nação pode mostrar o seu poder através do esporte. Com a queda da URSS, a Rússia não conseguiu manter esses resultados por muito tempo, ao ponto que o então presidente Dmitri Medvedev, após os resultados baixíssimos das Olimpíadas de Inverno de 2010, começa a resgatar as “políticas soviéticas” em relação ao esporte com a criação de novas escolas esportivas, além da troca da alta cúpula esportiva do país. (JESUS, 2010)

3.3 ESPORTE COMO FERRAMENTA DE COESÃO SOCIAL NA RÚSSIA PÓS-URSS

Após a queda da União Soviética e o fim da Guerra Fria, a Nova Ordem Mundial estabelecida conta com a globalização dentre suas principais características. O processo de globalização ao mesmo tempo que é responsável por unir as nações e transformar o Sistema Internacional numa zona cooperativa, também acarreta o processo de desterritorialização, com a vinculação entre as referências identitárias e as fronteiras físicas sendo enfraquecidas. O enfraquecimento das fronteiras faz com que indivíduos percam a ligação de seus valores nacionais, ou seja, de seu solo (ORTIZ, 1999 apud LOPES, 2009). Vale ressaltar que a relação de “território x população” voltada para o nacionalismo é um ponto fundamental para o entendimento de como a política externa do governo Putin foi criada, já que está intrinsecamente relacionada a filosofia do fortalecimento da nação russa e a criação da “Nova Rússia”.

É importante deixar claro que, para o nacionalista, a lealdade à nação está acima de qualquer outra aspiração. Há uma ligação muito forte entre o indivíduo e sua terra. Assim, o nacionalismo passa a ser um recurso ideológico necessário para a consolidação do Estado e dos processos de independência (CASTRO, 2005), um projeto territorial, pois o território torna-se

a partir dos nacionalismos, um patrimônio que a nação deve defender, a defesa de sua soberania. Segundo Perry (2002, p. 388):

O nacionalismo é um vínculo consciente partilhado por um grupo de pessoas que se sente fortemente ligado a uma determinada terra e que possui uma cultura e uma história comum, marcadas por glórias e sofrimentos vividos em conjunto. Os nacionalistas sustentavam que o mais profundo sentimento de lealdade e devoção de um indivíduo deve ser dirigido à nação. Demonstram grande orgulho pela história e pelas tradições do seu povo e muitas vezes julgam que sua nação foi especialmente escolhida por Deus ou pela história. Afirmam que a nação – sua história e cultura – confere significado à vida e às ações de um indivíduo. Tal como uma religião, o nacionalismo dá ao indivíduo um senso de comunidade e uma causa digna de auto sacrifício. A identificação com as realizações coletivas da nação exalta os sentimentos de valor pessoal. Desse modo, numa época em que o cristianismo estava desaparecendo, o nacionalismo tornou-se a força espiritual dominante na vida europeia do século XX. Criou novos mitos, mártires e dias “sagrados” que estimularam a reverência; ofereceu participação numa comunidade que satisfazia a compulsória necessidade psicológica dos seres humanos de companheirismo e identidade. E ofereceu uma missão, o progresso da nação, à qual o povo podia dedicar-se.

Desta forma, se intensifica a necessidade dos Estados que possuem maior preocupação em manter a integridade das suas características nacionais, de apoiar movimentos de reafirmação de identidade nacional. No caso da Rússia, que na formação dessa Nova Ordem Mundial, passava pelo traumático processo de se reerguer após a queda da URSS, precisou mais do que nunca criar um projeto para fortalecer sua identidade nacional.

Observando ao longo da história os diversos momentos em que o esporte foi utilizado como elemento de *Soft Power* pelo Estado, notou-se que este tipo de ação repercutiu em nível doméstico de forma a instigar o sentimento nacionalista na população. Segundo Orwell (1945) o esporte internacional pode ser considerado como a maior expressão de luta nacional, no qual os esportistas representam seus Estados e suas nações.

Os grandes eventos esportivos sempre foram organizados de forma a integrar os componentes nacionais dos Estados. A rivalidade que esses jogos causavam reforçaram o sentimento de pertencimento a uma nação (VASCONCELLOS, 2008). Clausewitz (1984, p. 91), por exemplo, descreve a guerra como “a continuação da ação política por outros meios”. Partindo desta premissa, pode-se considerar que o esporte nada mais é do que mais uma forma de luta política na afirmação e projeção dos interesses nacionais.

Nesse sentido, o esporte é usado como meio para imprimir sentimentos nacionalistas e tem a facilidade de atingir diferentes atores. O esporte não é só usado como *Soft Power*, mas como propaganda nacionalista. Países como Rússia, China, EUA e Cuba usam o esporte como

Soft Power e investem alto em seus atletas a fim de proporcionar a construção de um sentimento de identificação nacional (VASCONCELLOS, 2008).

4. O ESPORTE COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO VLADIMIR PUTIN

Neste tópico tentaremos trazer à luz a forma como a política externa russa foi consolidada durante o governo Putin. Para isso, traremos teses de como a política externa da Rússia foi construída durante o Governo Putin e fatos históricos para tentar responder os questionamentos mais emblemáticos depois da URSS: qual o real interesse de Putin? E como suas ações podem ser entendidas na política externa praticada e construída durante seus anos de governo?

Antes de tentarmos responder essas perguntas, precisamos entender os aspectos cognitivistas deste estadista tão enigmático, que sempre teve como objetivo recriar a Grande Rússia, segundo o documentário de Carré (2007).

Em entrevista à Oliver Stone (2017)⁴, Putin afirma que sua origem é humilde. Nascido no dia 7 de outubro de 1952, em Leningrado, atual São Petersburgo, viveu sua infância junto de sua família em um apartamento comunitário. Seu pai foi engenheiro, lutou na II Guerra Mundial, e trabalhou em fábricas, já sua mãe foi operária e seu avô trabalhou com Lenin e Stalin, como chefe de cozinha. Durante a infância, tornou-se filho único com a perda de dois irmãos. Não era um menino muito disciplinado e foi através do esporte, com a prática do judô, que sua vida mudou para melhor. Desde criança era fascinado por espionagem e pelo serviço secreto, sua ambição era trabalhar nos órgãos de defesa nacional. Era patriota e fascinado pelo imperialismo Czariano.

Cursou direito na Universidade Estatal de Leningrado entre os anos de 1970 e 1975, ingressando no KGB (Comitê de Segurança Nacional) em seu último ano de curso, onde permaneceu por 16 anos, tendo seu primeiro contato com a política. Renunciou a seu cargo quando a KGB entrou em crise, mas manteve sua lealdade. Em 1999 é nomeado Primeiro-Ministro, do então presidente Boris Yeltsin, dando início a sua jornada política.

Putin faz questão de sobrelevar suas características de um homem forte, com boa saúde, faixa preta de judô, além de piloto de avião de combate, mergulhador em submarinos e ao mesmo tempo ser um cavalheiro, participar de festas, dançar etc. Com o intuito de agradar uma

⁴ STONE, Oliver. *As Entrevistas de Putin: conversas que deram origem ao documentário*. Rio de Janeiro: Best Seller Ltda., 2017.

população na qual a maioria pertencia ao catolicismo ortodoxo, Putin se converteu à religião. E é através dessa imagem que Vladimir Putin vem se mantendo no poder por mais de 20 anos.

Esclarecida a persona Putin, vamos adentrar no contexto histórico e no entendimento sobre a política externa da Rússia implementada por ele. Com o fim da Guerra Fria e a dissolução da URSS em 1991, o território foi fragmentado fazendo com que países anexados retomassem sua independência, além dos que surgiram posteriormente. Porém, mesmo com a mudança de bandeiras, para muitos da população, o sentimento de “uma memória de uma identidade comum” (FERREIRA; TERRENAS, 2016) permaneceu.

Segundo Segrillo (2014), podemos distinguir a Rússia pós-soviética em duas:

1) Era Yeltsin – vigente na década de 1990, sofreu com a queda no produto interno bruto (PIB) durante a transição do socialismo para o capitalismo, com o enfoque de gerar liberdade para os governos locais, em troca de apoio no âmbito federal;

2) Era Putin – vigente durante os anos 2000, se destacou pela recuperação econômica até 2009 (o que o autor chama de “grande legitimidade e popularidade”). Em contrapartida, gerou repressão aos opositores, fazendo com que a Rússia sofresse o rebaixamento em sua posição na lista da Freedom House (organização que mede o grau de liberdade política e civil de vários países). Além disso, estabeleceu um governo centralizador, focado em garantir o poder do âmbito federal.

Segundo o autor a colaboração de Putin ao ceder informações de sua inteligência para o combate do terrorismo em conjunto com o ocidente após os atentados de 11 de Setembro de 2001, chama atenção principalmente quando vemos algumas ações do governo que tentam mitigar a influência ocidental nas proximidades de seu território. Como exemplo desta situação destaca-se a tensão com a Ucrânia e o incomodo ao ter a possibilidade do aumento de influência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na região.

A crise mundial de 2008 resultou em um menor crescimento econômico russo, mas o apoio da população à Putin permaneceu mesmo assim. Para Segrillo (2014), esse apoio se deu pelo receio da entrada de um novo líder desconhecido, o que geraria um futuro cheio de incertezas, então a população preferiu ficar com um governo centralizador que contava com anos de acertos econômicos, porém com um discurso de recuperação da glória russa através de reintegração de territórios que fizeram parte da URSS.

De acordo com Ferreira e Terrenas (2016), em seu discurso de “reintegração” da Crimeia em 2014, Putin traz à tona “o novo projeto pós-soviético integrador”:

Putin evoca um passado cuja ambivalência e plasticidade lhe têm permitido justificar interesses políticos e econômicos domésticos de difícil reconciliação num país abraçado com a necessidade de consolidar a legitimidade política e promover consensos alargados para lá dos múltiplos interesses privados, regionais e corporativos. (FERREIRA; TERRENAS, 2016, pg. 44).

Para reforçar essa ideia, os autores ainda defendem que uma das finalidades das relações internacionais do que eles chamam de “putinização” (o discurso que Putin usa na política russa) é “justificar uma política externa mais assertiva na contestação da hegemonia ocidental e na defesa de um modelo alternativo das relações internacionais” (FERREIRA; TERRENAS, 2016, pg. 44). Uma das figuras do governo de Putin que exacerbam esse ultranacionalismo e o modelo de “Nova Rússia” (ao ponto de ser considerado um dos principais influenciadores da anexação da Crimeia em 2014) é o Aleksandr Dugin, muito comparado com o Rasputin (místico que viveu durante o império Czariano, muito influente nas decisões políticas do Imperador), já que inspirou Putin com a ideia de “novo eurasianismo”. Cientista político, filósofo e com um viés de extrema direita, segundo Monti (2022), Dugin acredita que a função da população do império eurasiático é “desafiar a dominação americana no mundo” (BBC, 2022). A filosofia do "eurasianismo" tem o fundamento de que a Rússia não é ocidental e nem oriental, mas sim um Estado único, o "Império Eurasiático". Muita da filosofia de Dugin, pode ser percebida em alguns discursos e ações de Putin quando se trata de política externa:

A Europa Ocidental é decadente, perde toda a identidade e isso não é consequência de processos naturais, mas ideológicos. As elites liberais querem que a Europa perca sua identidade, com a política da imigração e do gênero. (...) A Europa será cada vez mais contraditória, cada vez mais idiota. Os russos devem salvar a Europa das elites liberais que a estão destruindo (...). Os países vizinhos à Rússia eram construções artificiais após o colapso da União Soviética e não existiam antes do comunismo. Eles são o resultado do colapso comunista. Mas eles eram parte de uma civilização eurasiática e do império russo pré-revolucionário. Não há agressão de Putin, mas a restauração de uma civilização russa que se dissolveu (Aleksandr Dugin, entrevista concedida a Giulio Meotti, *il Foglio* - 2 de março de 2017 *apud* Instituto Humanitas Unisinos. 2022).

Diante deste cenário, precisamos entender que essa contestação da hegemonia ocidental não significa excluir o modelo multipolar e interdependente do ocidente do Sistema Internacional, mas sim, ser autossuficiente política e economicamente.

4.1 A RELAÇÃO COGNITIVISTA DE PUTIN COM O ESPORTE

Passada a construção da política externa do regime Putin e a maneira como seu governo enxerga o sistema internacional, ainda vale abordar que a estratégia política de Putin, atrelada ao esporte, pode ser justificada por seu passado como atleta. Vladimir Putin promove a própria

imagem de esportista como uma manobra política que ficou conhecida como "*Esportokratura*" (ALBIN, 2021). Ele utiliza do sistema político esportivo como forma de atingir a população, estimulando o patriotismo. A exibição e culto à sua imagem não é por acaso, sempre mostrando sua desenvoltura com judô, sambo (arte marcial russa), hóquei e outros esportes, Putin tem como objetivo a construção da sua marca, que hoje se confunde com a nova Rússia.

Para além disso, o atual presidente da Rússia usa a filosofia aprendida nas práticas de judô para analisar as dinâmicas de poder entre a Rússia e as grandes potências ocidentais (JAMISON, 2022, p. 1):

Esportes como o judô, a meu ver, ensinam as pessoas a se relacionarem. Eles nos ensinam a respeitar um parceiro, nos ensinam a entender que um parceiro externamente fraco pode não apenas oferecer uma resistência digna, mas se você relaxar e tomar muito como certo, pode até vencer... O resultado é decidido não apenas pela força física bruta, mas também pela capacidade de agir de forma eficaz, de usar a cabeça e ser um mestre, um bom mestre, de um conjunto de movimentos, e segura. (Vladimir Putin, 2005, tradução nossa)⁵

Desta forma, podemos compreender o porquê de o esporte ter se tornado moeda política no governo Putin. Com essa concepção, é possível notar o esforço que o governo russo tem feito para incentivar seus atletas a se manterem sempre no topo das competições esportivas, uma vez que o esporte é uma maneira de desmistificar a potência milenar russa e guardião de valores tradicionais. Essa transformação leva a imagem do presidente como "o novo homem russo", em sua manobra política de *Sportokratura* além disso, aliados próximos de Putin e governadores glorificam o esporte na prática e no discurso "A geração de Putin dá lugar à geração Putin" (CIMINI, 2021).

4.2 O GOVERNO PUTIN E A PARTICIPAÇÃO DA RÚSSIA NOS GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS DO SÉCULO XXI

Uma vez entendido o passado do presidente Putin, como o mesmo chegou ao poder e sua concepção sobre o papel e a importância do esporte nas relações políticas domésticas e internacionais, daremos continuidade a este artigo apresentando a análise de três casos envolvendo a Rússia do regime Putin e o esporte: o caso da Olimpíada de Inverno de Sochi em

⁵ **Texto original:** "Sports like judo, in my view, teach people to relate to each other. They teach us to respect a partner, teach us to understand that an externally weak partner can not only put up worthy resistance but if you relax and take too much for granted, may even win... The outcome is decided not only by crude physical strength, but also by the ability to act effectively, to use your head and be a master, a good master, of a set of movements, and holds." (Vladimir Putin, 2005).

2014, a Copa do Mundo da Rússia de 2018, e os escândalos de *doping* envolvendo atletas do país, que alcançaram a grande mídia em 2014 e perseguem a Rússia até hoje.

Os critérios utilizados para que os eventos citados fossem escolhidos para a análise, estão relacionados ao fato de terem sido sediados no país e carregarem consigo uma perceptível carga política. Os escândalos de *doping* também serão analisados com maior profundidade devido ao claro entendimento da participação do governo russo na prática, além de ter abalado o cenário esportivo internacional.

4.2.1 Olimpíada de Inverno de Sochi em 2014

Chegando neste ponto, já podemos concluir que muitos Estados já recorreram a megaeventos esportivos para promover suas nações ao longo da história. No caso da Rússia, seu primeiro grande evento após a queda da URSS, foi a Olimpíada de Inverno de Sochi em 2014 que, de acordo com estudiosos do tema como Grix e Kramareva (2017), se categorizou como a Olimpíada mais politizada realizada até então.

Em 2007, Putin participou da 119ª sessão do COI para concorrer pessoalmente aos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, demonstrando grande nível de comprometimento com a sua estratégia. Ele venceu a eleição para sediar o evento, oferecendo uma garantia de investimento de US\$12 bilhões (JAMISON, 2022). As ações de Putin em 2007 indicaram sua intenção de retornar à presidência em 2012 para supervisionar de perto a execução das Olimpíadas de Sochi.

É interessante notar que esta ação de Putin faz parte de um momento, ao final da década de 2000, marcado por uma onda de países do BRICS⁶ se tornando sede dos maiores eventos esportivos (Olimpíadas de Pequim 2008, Copa do Mundo na África do Sul em 2010, Olimpíadas de Inverno de Sochi em 2014, Copa do Mundo no Brasil em 2014, Olimpíadas do Rio em 2016, Copa do Mundo da Rússia em 2018). De fato, os projetos de *Soft Power* desses países se assemelham à medida que são mais seletivos, com o objetivo de apresentar sua modernidade e alinhamento ao paradigma neoliberal do ocidente.

Porém, nota-se que a estratégia russa segue uma trajetória diferente. Analisando os impactos de Sochi 2014, Grix e Kramareva (2017) entendem que o evento pode ser compreendido como parte de um plano mais amplo de “governança espacial” empreendido pelo

⁶ BRICS é o acrônimo usado pela primeira vez pelo economista Jim O'Neill, da Goldman Sachs, para se referir ao grupo de países com mercados emergentes e outras características econômicas em comum: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (IPEA, s.d).

regime de Putin, que utiliza esses megaeventos para praticar *Sportswashing*. O termo, que segundo o dicionário WorldSense (2022) é utilizado pela primeira vez por Caroline Christie em 2015 para categorizar o uso do esporte como forma de limpar a reputação de um indivíduo, corporação ou governo. No caso do governo russo, o *Sportswashing* é utilizado na tentativa de apagar ou esconder ações que não devem repercutir com agressividade na grande mídia. Esta prática é vista durante os megaeventos esportivos sediados na Rússia, que coincidentemente acontecem ao mesmo tempo em que Putin realiza movimentações no cenário político. Quando estes atos de *Sportswashing* são bem-sucedidos, podem ser considerados vitórias das estratégias de *Soft Power* russo.

De todo modo, essa diferença estratégica entre a Rússia e os outros países, pode ser atribuída a dois principais motivos:

- 1) O primeiro é que o putinismo entende que a imagem de país misterioso e fechado que o ocidente construiu da Rússia (por conta de seu passado) não vai ser mudado. Para além disso, mesmo tentando limpar sua imagem, as grandes potências do ocidente continuariam condenando suas políticas domésticas. Por isso, a Rússia não tem intenção de mudar sua imagem, mas sim, de reafirmar sua posição internacional e receber o reconhecimento da legitimidade de suas novas ambições sociais e geopolíticas. Isso fica claro com a escolha da cidade sede do evento, uma vez que Sochi trouxe sérias preocupações de segurança por ser localizada na região do Cáucaso. Após as Olimpíadas, Putin conseguiu demonstrar para o mundo e ao seu povo, sua capacidade de manipular a região conforme suas demandas.
- 2) O segundo motivo, é atribuído à maneira como a Rússia enxerga seu *status* internacional, que significa possuir ambos os recursos de *Soft* e *Hard Power*, bem como ser capaz de usá-los em conjunto (GRIX; KRAMAREVA, 2017). De fato, Sochi 2014 cumpriu o objetivo principal de Putin, que consistia em elevar a consciência nacional a níveis que ainda não tinham sido atingidos na Rússia Pós-URSS (FISH, 2014), além de desenvolver uma boa reputação ao Presidente no âmbito interno, atingindo uma alta de 85,9% de aprovação da população⁷. Por outro lado, a vitória da estratégia de *Soft Power* de Putin durante as Olimpíadas, foi combinada com o processo de anexação da Criméia, região estrategicamente cobiçada pelo Estado russo. Esta ação mostra ao mundo e a seus

⁷ Segundo o Centro de Pesquisa de Opinião Pública Russa (WCIOM):

<http://www.wciom.com/index.php?id=61&uid=1069>

próprios cidadãos que a Nova Rússia está se reconstruindo para se tornar forte como já foi. Do ponto de vista internacional, qualquer efeito positivo resultante das Olimpíadas foi desperdiçado, o ato foi condenado e resultou em sanções econômicas e políticas por parte do ocidente.

Assim, podemos concluir que a disposição de Putin para sediar este evento, não é só um capricho relacionado ao seu sonho olímpico e proximidade com o esporte. Suas intenções para com os esportes contribuem para o extenso projeto de putinização do Estado russo e recuperação dos elementos geoidentitários da extinta URSS, como no projeto proposto por Dugin. A respeito da putinização do Estado, apesar das prévias desavenças da população à candidatura da Rússia a país sede do evento (houveram protestos por parte da população russa que acreditava que o valor gasto nas Olimpíadas poderia ser investido em setores precários do Estado), a maioria das pessoas no país passaram a considerar os eventos esportivos de grande repercussão internacional como motivo de orgulho. Quaisquer protestos contra o presidente Putin foram transformados em um instrumento para a consolidação do poder do Estado. No contexto das sanções internacionais impostas contra a Rússia após a anexação da Criméia, as elites políticas russas habilmente reuniram a população em torno desse sucesso nacional (WOLFE, 2015). Já quanto à recuperação dos elementos geoidentitários da URSS, a anexação da Criméia projetou a imagem da Rússia como um Estado que segue poderoso, mesmo após a queda da URSS, e que é capaz de cumprir seus objetivos, por maiores que sejam os obstáculos.

4.2.2 Os escândalos de *doping*

Para além de medalhas conquistadas, o esporte e o governo russo da era Putin tiveram sua imagem manchada por participações em grandes eventos esportivos. Nos últimos anos, escândalos envolvendo o *doping* de atletas russos foram divulgados pela mídia. O relatório McLaren de 2016, encomendado pela Agência Mundial Antidoping (AMA), revela um esquema de manipulação e troca de amostras de urina realizado durante as Olimpíadas de Inverno de Sochi em 2014. Segundo a AMA, o esquema contou com a participação de mais de mil atletas olímpicos russos, além de dirigentes esportivos e o Ministério do Esporte (ARRIBAS, 2016). Mesmo após a descoberta, muitos atletas que estavam na lista do escândalo de *doping*, participaram e ganharam medalhas nas olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.

Um dos casos mais surpreendentes do uso do esporte como instrumento político e ideológico russo foi o caso relatado no documentário "Icarus", de Fogel (2017). O documentário começou despretensiosamente, com um experimento pessoal do autor Bryan Fogel usando substâncias proibidas para mostrar na realidade o quanto estas substâncias aumentam o desempenho dos atletas, inspirado no caso de *doping* do ciclista russo Lance Armstrong. Através de contatos e investigações o autor descobre que a Rússia já fazia uso de *doping* desde os anos 1960, e não apenas se tratava de casos isolados do uso de substâncias proibidas pelos atletas, mas de uma conspiração que era patrocinada pelo Estado, com o aval de Vladimir Putin, para melhorar o desempenho de seus atletas em diversas modalidades. Após a denúncia, a delegação russa foi vetada de muitas competições, incluindo as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro.

As reações da comunidade internacional em relação aos escândalos de *doping* envolvendo a Rússia foram as mais variadas. Algumas comunidades ocidentais como Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia, veem este acontecimento como algo assombroso e digno de punição. Por outro lado, existem aqueles, como Galeeva (2017), que julgaram tais atos, somados ao fato da Rússia ter continuado participando dos eventos esportivos, como uma demonstração de resiliência e força da nação russa.

4.2.3 Copa do Mundo da Rússia de 2018

A Copa do Mundo de Futebol em 2018 fez com que a atenção do mundo virasse para a Rússia. Esse seria o cenário perfeito para melhorar a imagem global de um país que estava isolado, assim novamente o *Soft Power* é resultado de um interesse nacional russo. Esse interesse se dava devido a imagem russa que foi manchada pela anexação da Crimeia em 2014. Segundo a BBC (2018, p. 1), "desde a invasão da Crimeia, os países do ocidente têm concentrado parte de suas políticas em isolar a Rússia e esse isolamento tem afetado o prestígio do país". Acrescenta-se a esse fato as revelações no início de 2018 sobre o *doping* patrocinado pelo próprio Estado.

Desta forma, o evento foi utilizado como um instrumento para combater informações negativas e auxiliar na política externa. A Copa de 2018 foi uma oportunidade para reconstruir a imagem internacional russa e mostrar que o país é uma sociedade moderna e desenvolvida. Receber os torcedores e abrir as portas do país para o exterior tinha o objetivo de esclarecer que a Rússia não era um regime autoritário no qual a imprensa dizia ser.

Ser sede do maior evento esportivo de todos os tempos é vista como mais uma vitória política e pessoal para Putin. No entanto, a intenção de usar o evento como forma de reconhecimento global não seria uma tarefa fácil e, além da internacionalização do país, foi necessário o reconhecimento da população. Diferente da Olimpíada de Sochi, a Copa de 2018 foi muito criticada pela população local, trazendo à tona o discurso de que faltavam investimentos em setores públicos no país e que a copa não geraria nenhum crescimento econômico a longo prazo, além de que as obras para o evento seriam mais uma política de plateia.

A geopolítica russa é desfavorável, e a questão da formação social fez que torcedores não pudessem se sentir confortáveis com muitas denúncias de homofobia e racismo, o que foi visto como um descumprimento do ideal de que seriam todos bem vindos ao país. É possível analisarmos essas peculiaridades como uma forma da Rússia se opor ao ocidente de maneira indireta, haja vista que a homossexualidade é uma forma identitária no ocidente.

A Rússia é controlada por uma oligarquia poderosa. O Estado russo, no caso Putin, conseguiu manter o controle sobre a maioria dos ativos mais importantes e sobre os oligarcas que os gerem. Como resultado usa-se recursos de maneira eficiente para controlar projetos como a Copa do Mundo e outros eventos esportivos. Tudo isso é importante porque eventos esportivos são uma ferramenta política fundamental para Putin. O jornal Folha de São Paulo (2018) os definiu como um catalisador para apresentar a Nova Rússia ao mundo. Isso é correto, porque de fato Putin aproveitará o momento para transmitir uma imagem positiva de seu país para o restante do planeta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi fazer uma jornada histórica do uso do esporte desde a Grécia Antiga, passando pela URSS até chegar na atual Rússia de Putin para entender como o *Soft Power* se enquadra nesses momentos históricos. O foco foi o entendimento da formulação de políticas domésticas e externas na idealização do que chamaram de “Nova Rússia” contando com um nacionalismo exacerbado. Mergulhamos na persona de Putin, para tentar entender como o estadista gerou a imagem de uma das nações mais questionadas diante dos escândalos de *doping* e ao mesmo tempo tornou-se um dos Estados mais fortes e competitivos nos esportes.

Entende-se, portanto, a partir dessa análise, a importância do esporte dentro do cenário internacional como instrumento utilizado pelos Estados para a afirmação de seu poder. Essa

realidade não é apenas atual, mas traz raízes de séculos na história da política internacional, ao ponto que tal dinâmica é assumida por diversos Estados. A Rússia, por sua vez, carrega o título de notoriedade nesse quesito, tendo em sua história diversos exemplos sobre o uso do esporte como instrumento na construção de sua política externa. O escândalo de *doping* que ocorreu em 2014 nos Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi, é um grande exemplo da manipulação por parte do Estado russo. Nesse sentido, o esporte caracteriza-se como um instrumento de *Soft Power* altamente utilizado e de indubitável prioridade na construção da política externa russa.

No que tange à política externa russa, o rosto que salta às vistas é o do presidente Vladimir Putin, embora haja questionamentos se de fato toda política externa é definida pelo presidente. A filosofia de Dugin, influência em algumas ações e discursos durante o governo de Putin, ao ponto que muitos o comparam com o Rasputin do Império Czar. Putin, que se mantém no poder há mais de 20 anos de forma direta ou indireta, usa estrategicamente o esporte na consolidação de seu próprio governo, que tem premissas claramente expansivas e necessidade de afirmação de poder perante o cenário internacional. Além de usar o esporte como política externa, coesão social e para garantir o fortalecimento do sentimento nacionalista, Putin também tem uma ligação de cunho pessoal, pois, segundo suas próprias palavras, o esporte o tornou uma pessoa mais disciplinada e focada em seus objetivos.

Um exemplo dessa estratégia é a negociação para sediar grandes eventos esportivos em seu território. Nesse sentido, a Rússia sediou três desses megaeventos que fomentaram uma sensação nacional de identidade, gerando uma expectativa sobre a “Nova Rússia”.

Outrossim, essa realidade não é novidade na história russa, a ideia de projetar para o mundo a força de sua identidade nacional vem desde o Império Czar, tanto que houve a participação dos Czares na construção do COI antes da Revolução de 1917, fazendo uma ponte direta da política externa com o esporte. Como mencionado, a ligação entre a construção do Estado russo com o esporte é indubitavelmente irrefutável, desde o Império Czarista ao início do governo autocrata do presidente Vladimir Putin. Este trabalho trouxe à tona os escândalos, vitórias e ruínas no campo esportivo da bandeira russa, colocando em evidência o ultranacionalismo e reforçando a filosofia do “eurasianismo” com o enfoque de criar a Nova Rússia idealizada por Putin e Dugin.

Durante a Guerra Fria, a URSS e os EUA utilizavam das competições para afirmar o poder de ambos através dos ganhos de medalhas e das performances esportivas dos atletas de alto rendimento. E esse feito ainda hoje é percebido em diversas situações em que Putin usa o esporte como arma para demonstrar o seu poderio. Não podemos afirmar quais serão os próximos passos de Putin diante das próximas Olimpíadas ou Megaeventos, principalmente

após as tentativas recentes de anexação dos Estados que uma vez pertenceram à URSS, mas certamente ele irá usar o esporte como uma das suas ferramentas mais brandas e ao mesmo tempo poderosas para expressar sua filosofia “eurasianista”.

REFERÊNCIAS

- ALBIN, Lukas. **La sportocratura sous Vladimir Poutine**: une géopolitique du sport russe. [S.I]: Bréal, 2021. 360 p.
- ANHOLT, Simon. Ipsos (org.). **Nation Brands Index 2021**. New York: Ipsos, 2021.
- ARRIBAS, Carlos. **Mais de 1.000 atletas russos se beneficiaram da "conspiração institucional" do doping**. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/09/deportes/1481283332_631672.html. Acesso em: 20 mar. 2022.
- British Broadcasting Corporation BBC. **Aleksandr Dugin, o 'Rasputin de Putin', que moldou sua visão sobre a Rússia e o mundo**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61104868>. Acesso em: 11 maio 2022.
- BBC. **Copa do Mundo 2018**: Como o futebol pode ajudar Putin a melhorar a imagem da Rússia. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44493956>. Acesso em: 11 maio 2022.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA. **Conheça os BRICS**. s.d. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- BROWNELL, Susan. **Beijing's Games: what the Olympics mean to china**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2008
- CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política**: Território, Escala de Análise e Instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CIMINI, Larissa Rodrigues. **Geração Putin: o que acontece quando você só viu um líder a vida toda?** Disponível em: <https://www.doisniveis.com/europa/leste-europeu/geracao-putin/>. Acesso em: 11 maio 2022.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. **On War**. 3 v. Tradução do original para o inglês por Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português por Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. 1984. Versão em português disponível em: <https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- FERREIRA, Marcos Farias; TERRENAS, João. Good bye, Lenin! Hello, Putin!: o discurso geoidentitário na política externa da nova Rússia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 43-78, ago. 2016.

FISH, M. Steven. **The end of the Putin mystique**. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/04/03/the-end-of-the-putin-mystique/>. Acesso em: 01 mai. 2022.

FOGEL, Bryan. **Icarus**. [S.I]: Netflix, 2017. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80168079>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **A Rússia não deve ir longe, mas Putin só quer colher feitos políticos da Copa**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/russia-nao-deve-ir-longo-mas-putin-so-quer-colher-efeitos-politicos-da-copa.shtml>. Acesso em: 11 maio 2022.

GALEEVA, Diana. **Sport as a power tool**. 2017. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/sports/2017/01/30/PART-1-Sport-as-a-power-tool>. Acesso em: 18 mar. 2022.

GRIX, Jonathan. Sport politics and the Olympics. **Political Studies Review**, [s. l], v. 11, n. 1, p. 15-25, Jan. 2013.

GRIX, Jonathan; KRAMAREVA, Nina. ‘War and Peace’ at the 1980 Moscow and 2014 Sochi Olympics: the role of hard and soft power in Russian identity. **The International Journal of The History of Sport**, Manchester, v. 35, n. 14, p. 1407-1427, jun. 2018.

JAMISON, Major Melissa. **Putinstances: What Do the Olympics Mean to Putin?** 2022. Disponível em: <https://www.airuniversity.af.edu/Wild-Blue-Yonder/Articles/Article-Display/Article/2947173/putinstances-what-do-the-olympics-mean-to-putin/>. Acesso em: 01 mai. 2022.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Foices e martelos no olimpo: a política esportiva da união soviética e as relações com o mundo capitalista. **Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-28, dez. 2010.

KINKARTZ, Sabine. **1939: Assinado o Pacto de Não Agressão**. 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1939-assinado-o-pacto-de-n%C3%A3o-agress%C3%A3o/a-615078>. Acesso em: 01 maio 2022.

MONTI, Germano. **Dugin e a Rússia de Putin**. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/616962-dugin-e-a-russia-de-putin>. Acesso em: 11 maio 2022.

MUNHOZ, Sidnei J.; ROLLO, José Henrique. **Détente e Détentes na Época da Guerra Fria** (décadas de 1960 e 1970). (DÉCADAS DE 1960 E 1970). 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n32p138/30318>. Acesso em: 04 jun. 2022.

NYE, Joseph. **Soft power: the means to success in world politics**. Nova Iorque: PublicAffairs, 2004. 191 p.

ORWELL, George. **The Sporting Spirit**. Tribune, London, dez. 1945.

PERRY, Marvin. **Civilização ocidental**: Uma história concisa. 4. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes - Pod, 2015. 708 p.

PUTIN, Vladimir. **60 Minutes broadcast**: an interview with Russian President Vladimir Putin. Entrevista concedida a Mike Wallace. CBS News, publicado online, mai. 2005.

SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin**: A Saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo. Curitiba: Editora Prismas, 2014. 253 p.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esportes, Poder e Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. 332

STONE, Oliver. **As Entrevistas de Putin**: conversas que deram origem ao documentário. Rio de Janeiro: Best Seller Ltda., 2017.

THE PUTIN SYSTEM. Direção de Jean-Michel Carré. Produção de Michèle Hollander. [S.I]: France 2, 2007. Color. Legendado. Disponível em:
https://www.primevideo.com/detail/amzn1.dv.gti.82aee605-0af1-e3a7-6295-0b90e3002fd5?ref_=av_auth_return_redir&autoplay=1. Acesso em: 29 abr. 2022.

WCIOM. **Sochi Olympics: A Year After**. Disponível em:
<http://www.wciom.com/index.php?id=61&uid=1069> Acesso em: 1 mai. 2022.

WOLFE, Sven Daniel. A silver medal project: the partial success of Russia's soft power in Sochi 2014. **Annals of Leisure Research**, Zürich, v. 4, n. 19, p. 481-496, dez. 2015.

WORDSENSE. Sportswashing. Disponível em: <https://www.wordsense.eu/sportswashing/>. Acesso em: 01 mai. 2022.